

HISTÓRIA E NATUREZA NOS CAMPOS DO QUIRIRI – SC

MARTIN STABEL GARROTE¹
VANESSA DAMBROWSKI²
GILBERTO FRIEDENREICH DOS SANTOS³

Através da análise no âmbito da historiografia ambiental é possível conhecer as relações entre a sociedade e a natureza, observando nessas relações as conseqüências positivas e negativas para ambas as partes. A história resgata os acontecimentos da vida humana, suas tramas, e com o levante das relações antrópicas com o natural, através da História Ambiental, caracteriza-se a compreensão dos indivíduos sobre seus atos em relação ao ambiente. Desta forma, a historiografia ambiental, além de levantar as características sociais e culturais de um grupo, trata de uma história que demonstra como foi realizada a ação humana à natureza, e quais foram as suas conseqüências à sociedade e ao meio natural (DRUMMOND, 1991; WORSTER, 1991; LEFF, 2005; MARTINS, 2007).

Nessa perspectiva o presente artigo apresenta os resultados, no âmbito da história ambiental, onde o objetivo geral da pesquisa foi compreender as relações entre a sociedade e natureza no processo histórico do território e entorno da Área de Proteção Ambiental (APA) Campos do Quiriri no município de Campo Alegre – SC. Tendo como Objetivos Específicos: Investigar fontes históricas, escritas e não escritas sobre a região de estudo; Descrever o processo histórico de ocupação do território da APA; Levantar os elementos da biodiversidade utilizados e formas de utilização pelas comunidades humanas da região; Identificar as conseqüências da exploração da biodiversidade da floresta dos campos. O recorte temporal corresponde ao período de início da formação das comunidades até o momento atual da APA e seu entorno. As

¹ Historiador, Especialista em História Social e Ensino de História, Mestre em Desenvolvimento Regional. Pesquisador do Grupo de Pesquisas de História Ambiental do Vale do Itajaí (GPHAVI) gphavi.furb@yahoo.com.br, Universidade Regional de Blumenau.

² Bióloga, Especialista em Educação Ambiental. Pesquisadora do Grupo de Pesquisas de História Ambiental do Vale do Itajaí (GPHAVI) gphavi.furb@yahoo.com.br, e do Instituto Parque das Nascentes (IPAN).

³ Geógrafo, Mestre e Doutor em Geografia. Professor do Departamento de História e Geografia. Coordenador do Grupo de Pesquisas de História Ambiental do Vale do Itajaí (GPHAVI) gphavi.furb@yahoo.com.br, Universidade Regional de Blumenau.

informações foram coletadas em bibliografias, e documentos na Biblioteca e no Arquivo Histórico de Campo Alegre, e em *loco* através de entrevistas com o uso da História Oral.

A APA Campos do Quiriri foi criada em 1998 e seu processo de criação partiu do Consórcio Quiriri, instituído oficialmente em 1997, resultante de uma iniciativa conjunta dos prefeitos das cidades de São Bento do Sul, Rio Negrinho e Campo Alegre, localizadas na bacia do alto Rio Negro, no Planalto Norte Catarinense, divisa com o estado do Paraná. A idéia do Consórcio surgiu num contexto em que se verificou que a degradação do meio ambiente não prejudicava apenas um determinado município, mas toda a região. Desta forma o Consórcio Quiriri foi aprovado com força de lei nos municípios e é dirigido por conselhos representativos dos vários setores da sociedade civil, tendo como finalidades primordiais o desenvolvimento econômico, social e ambiental. Também a recuperação, conservação do meio ambiente e melhoria da qualidade de vida da população da região compreendida no território dos municípios consorciados (JACOBI & TEIXEIRA, 2000).

A área de estudo compreende a região da APA Campos do Quiriri. A APA está localizada no município de Campo Alegre – SC, situado ao norte de Santa Catarina na região do Alto Vale do Rio Negro (Figura 01).

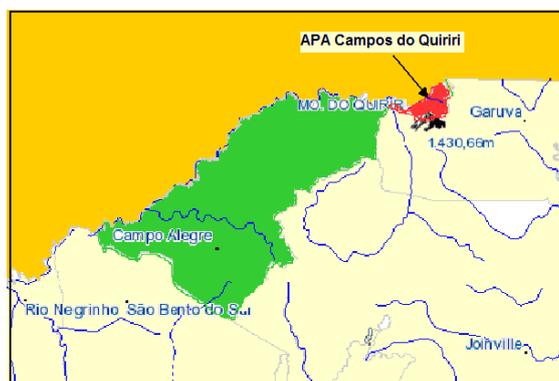


Figura 1: Localização da APA Campos do Quiriri em Campo Alegre/SC
Fonte: CIASC adaptado por GPHAVI

Segundo Herbst (1994), o território do Município insere-se na junção da microrregião econômica do Nordeste do Estado de Santa Catarina, pertencente ainda à zona fisiográfica denominada Planalto de Canoinhas. Campo Alegre possui uma área de 506 km². Ocupa cerca de 0,53% do território Catarinense e 11,86% da microrregião econômica do Nordeste Catarinense. A cidade tem sua sede localizada a uma elevação

de 870 metros acima do nível do mar. O clima dominante é temperado. A temperatura nos meses de maio e agosto chega a baixar até - 8°C. No verão, a temperatura mais elevada verifica-se nos meses de dezembro a fevereiro, quando em alguns dias o termômetro chega a marcar até 34°C. Os rios que drenam a comarca de Campo Alegre desembocam na encosta do interior, que corre para o oeste e atravessa o planalto. As terras do local que são banhadas e serpenteadas por uma enorme gama de rios, lagos e sangas, merecendo destaque os seguintes: Rio Turvo, Lageadinho, São Miguel, Bateias, Rio Bonito e Cubatão. A população é de aproximadamente 10.032 habitantes, sendo 4.879 Urbanos e 5.153 na Zona Rural.

A APA localiza-se nos limites a leste do município, conforme a figura 1, onde em verde está representado o território de Campo Alegre e em vermelho a área da APA. De acordo com a Lei nº 2.348 de 18 de agosto de 1998, que cria a Área de Proteção Ambiental, a APA é entendida como a área da Bacia Hidrográfica do Rio Negro, dentro do Município de Campo Alegre, localizada entre sua nascente e um ponto à sua margem onde se encontra a Escola Isolada Rodeio de Santa Cruz na localidade de Rodeio Grande.

As finalidades de APA segundo a Lei nº 2.348, são: proteger a nascente do Rio Negro, bem como de seus afluentes, tendo em vista a preservação e conservação natural da drenagem em suas formas e vazões; garantir a conservação da Mata de Pinhais existentes na área; proteger a fauna silvestre; melhorar a qualidade de vida das populações residentes através da orientação e disciplina das atividades econômicas locais; fomentar o turismo ecológico e a educação ambiental.

A região da APA, de acordo com a Lei da Mata Atlântica, nº11.428/2006, encontra-se inserida no Bioma Mata Atlântica. De acordo com o artigo segundo, consideram-se integrantes do Bioma Mata Atlântica as seguintes formações florestais nativas e ecossistemas associados, Floresta Ombrófila Densa; Floresta Ombrófila Mista, também denominada de Mata de Araucárias; Floresta Ombrófila Aberta; Floresta Estacional Semidecidual; e Floresta Estacional Decidual, bem como os manguezais, as vegetações de restingas, campos de altitude, brejos interioranos e encaves florestais do Nordeste.

Na região da APA segundo as delimitações estabelecidas em mapa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE encontram-se as formações florestais

nativas: Floresta Ombrófila Mista e campos de altitude. A Associação de Preservação do Meio Ambiente e da Vida (2010) caracteriza com base na lei da Mata Atlântica as formações florestais:

Floresta Ombrófila Mista - Conhecida como Mata de Araucária, pois o pinheiro brasileiro (*Araucaria angustifolia*) constitui o andar superior da floresta, com sub-bosque bastante denso. Reduzida a menos de 3% da área original sobrevive nos planaltos do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, e em maciços descontínuos, nas partes mais elevadas de São Paulo, Rio de Janeiro e Sul de Minas Gerais.

Campos de Altitude - Vegetação típica de ambientes montano e alto-montano, com estrutura herbácea ou herbáceo/arbustiva, que ocorre geralmente nas serras de altitudes elevadas e nos planaltos, sob clima tropical, subtropical ou temperado, caracterizando-se por comunidades florísticas próprias.

Os primeiros registros históricos da região de Campo Alegre remetem as primeiras passagens de um explorador espanhol, Nunes Cabeza de Vaca. Laurentino de Barros Lima, deixou escritos que são citados pelo autor campo-alegrense Herbst (1994):

Contam os cronistas que o primeiro homem branco que passou pelo município de Campo Alegre, foi Alvar Nunes, chamado também de Cabeza de Vaca, explorador espanhol que acompanhou a expedição de Harvaes à Flórida (EUA) em 1527, naufragou nas costas do atual Estado do Texas EUA, foi nomeado administrador da Colônia Rio da Prata (Uruguai e Argentina) que se estendia também ao Paraguai. Em luta com os índios Guaranis, onde hoje se situa Assunção no Paraguai, os espanhóis estavam cercados, Cabeza de Vaca recebeu pedido de auxílio e, com suas tropas dirigiu-se à Assunção, mas tentando alcançá-la por terra. Desembarcaram seus homens, armas e cavalos em local perto de São Francisco do Sul, subindo a Serra do Mar em local ainda duvidoso, mas suas descrições dos campos da região da “Floresta” não deixam dúvidas quanto à sua passagem por aqueles campos. Daqui dirigiu-se em direção ao norte, saindo nos campos próximos de Curitiba, isto no ano de 1542. De Curitiba dirigiu-se para oeste, passando pelos campos de Ponta Grossa e alcançando Assunção, onde auxiliaram os espanhóis a derrotar os índios. Conta a história que ao desembarcar no litoral catarinense, Cabeza de Vaca, além de homens trazia cavalos para o transporte de cargas, mas que ao passarem pelos campos de Campo Alegre, poucos animais restavam. (HERBST, 1994 p. 24).

Segundo Augustin (2007, p.09), também autor campo-alegrense, o registro oficial da primeira passagem pela região dos Campos do Quiriri remete a 28 de fevereiro de 1777. Segundo ele, “...apareceram no Porto de São Francisco do Sul dois galeões da frota espanhola comandada por Pedro de Zebalos, que dois dias antes teria invadido Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis. O Capitão Mor da vila foge com sua tropa em direção a Curitiba usando o caminho das Três Barras vindo sair na

Serra do Quiriri”. Para o autor este foi o primeiro registro da passagem de uma tropa oficial portuguesa em Campo Alegre. Mas Augustin (2007) também cita a passagem pelo município de Campo Alegre, em 1542, rumo a Assuncion Paraguai, pela tropa do capitão espanhol Dom Álvaro Nunez, o Cabeza de Vaca.

O caminho de Três Barras, ramal do Caminho do Ambrósios, também é conhecido como Caminho do Peabiru, que segundo lendas locais é um antigo caminho indígena utilizado por povos pré-colombianos, e, que posteriormente serviu de acesso aos espanhóis.

Segundo Herbst (1994), anteriormente a construção da Serra Dona Francisca, que atualmente liga o litoral a região de Campo Alegre, no período entre 1853 e 1857, engenheiros fizeram diversas explorações, tentando fugir da única subida da serra então existente Estrada Três Barras, ramal do caminho dos Ambrósios (Figura 2) que ligava São Francisco – Garuva - Campos do Quiriri – Ambrósios - Curitiba. A região do Quiriri deixou de ser rota de passagem entre litoral e o planalto com a construção da estrada Dona Francisca.

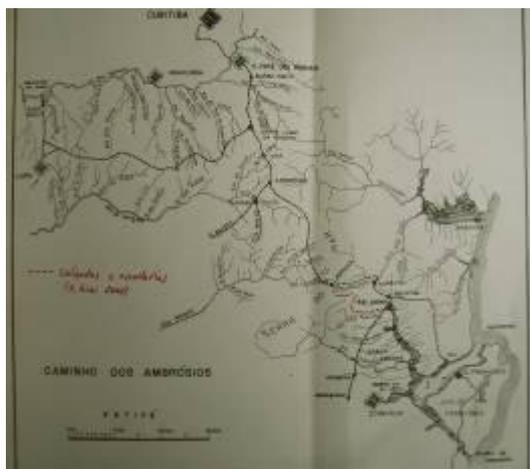


Figura 2 – Mapa do Caminho dos Ambrósios
Fonte: Acervo Henri Henkels

De acordo com Herbst (1994) “Quando a construção da estrada chegou onde agora é a cidade de Campo Alegre, já existiam no local alguns moradores mais ou menos a dois quilômetros, ao lado do Salto Branco. Segundo Laurentino de Barros Lima citado por Herbst: “Campo Alegre, no início do século 19 em 1807 não passava de um pequeno povoado. Seu comércio era representado por um estabelecimento comercial de propriedade de Francisco Bueno Franco, o povoado contava com pequeno

número de habitantes. A este se juntaram Olímpio de Oliveira, Augusto Schroeder e outros”.

Remetendo aos primeiros tempos da povoação da região, de acordo com Herbst (1994), Florentino Bueno Franco, seu ancestral por parte de mãe, gaúcho, tropeiro, que transportava manadas de gado adquiridas nas fazendas da Província do Rio Grande do Sul, para vendê-las em São Paulo, passava por Ambrósios (localidade antiga e vizinha no Estado do Paraná), onde residiam alguns parentes, conheceu a fundação da Colônia Da. Francisca (hoje Joinville) e se interessou por terras “em cima da Serra”. Essas terras possivelmente seriam valorizadas, devido à possibilidade da construção de uma estrada, e eram passíveis de serem colonizadas por imigrantes europeus. Assim Florentino Bueno Franco conseguiu do Governo da província do Paraná, (na época a região estava incorporada ao Paraná) a posse e respectivo título de propriedade de uma área de terra com as seguintes confrontações: dividindo com terra do Domínio Da. Francisca até os Campos de São Miguel, daí pelo caminho que vai a Curitiba até o Rio Bateias, e por este acima até o divisor das águas.

Muitos outros paranaenses, a exemplo de Florentino Bueno Franco, requereram também do Governo da província do Paraná grandes pedaços de terras, no hoje Município de Campo Alegre. Destacam-se: “Manoel de Oliveira Franco Candoca Ribas, Cel. Figueiras, famílias Ferreira e Rocha. Essas posses, principalmente as de Maneco Franco e Cel. Filgueiras, por ficarem mais próximas da futura São Bento, foram motivo de muitas brigas com os imigrantes europeus, no início da povoação de São Bento do Sul” (HERBST, 1994).

Herbst (1994) cita que Florentino conheceu em Ambrósios, no Paraná, sua futura esposa, quando ainda tropeiro. Após o casamento, apossou-se das terras de Campo Alegre, implantando uma grande fazenda de gado de corte na localidade de Campina dos Farias (antiga Campinas). O autor Eugênio J. Herbst ainda conheceu a primeira casa construída em Campinas, feita de madeira rachada. No início foi muito dificultosa a passagem. A floresta muito densa obrigava a fazer muitas picadas e trilhas para o gado aproveitar a pastagem existente. Os animais selvagens que habitavam a região traziam grandes prejuízos, assim como as desavenças com os indígenas que apareciam. Florentino foi uma figura de destaque na fundação, como um dos primeiros colonizadores do município.

Entre os entrevistados destacamos: Sr. Altamiro Munhoz, Sr. Leonel Farias, Sr. Wilton Farias e a Sra. Maria Rosemar Munhoz de Paula, bisnetos de Florentino Bueno Franco, descendentes das famílias mais antigas que habitaram a região próxima a APA e interferiram na História Ambiental da APA Campos do Quiriri. Estes ainda residentes na Campina dos Farias. Em entrevista com Sr. Wilton Farias (irmão do Sr. Leonel, e primo do Sr. Altamiro e Sra. Maria Rosemar), nos conta sobre a vinda de sua família:

A minha família começou com meu bisavô, que veio para tomar posse destas terras né, isso foi mais ou menos nos anos de 1850, mais ou menos assim né, calculando a data né, porque com minha avó ele casou em 1899. Ela era Bueno e casou com Farias né, que era meu avô, e aí assumiram as terras do meu bisavô né, que a família dele tinha sido matada, sobrou só ela, daí fez ela casar e aí passou o terreno pra ela e foi atrás do criminoso, aí ela ficou, mas eu conheci pouco ela, e o meu avô não cheguei a conhecer. Aí foi se sucedendo, daí veio o meu pai, os filhos do meu pai, que somos nós que estamos aqui hoje.

Herbst (1994) destaca o assassinato da família de Florentino, segundo ele, um crime que abalou toda a região na época, pela forma assombrosa como foi praticado. Viviam na sede da fazenda em Campinas, sua esposa Maria Cândida, com 55 anos, seu filho Valêncio com 22 anos, e suas filhas, Emília e Christina (16 e 15 anos respectivamente), e mais um moço moreno (25 anos), que há muitos anos morava com a família, ajudando com os afazeres da fazenda; o agregado mais perto ficava a mais de 3 km de distância. Florentino, alguns dias antes tinha vendido uma boiada e estando nesse dia fora de casa, o rapaz que praticamente fazia parte da família, imaginando que o dinheiro, produto da venda dos bois estivesse guardado em casa, procurou o dinheiro para roubá-lo, matando à noite a facadas a mulher Maria Cândida, e os filhos Valêncio e Christina. Emília não foi morta porque pulou da janela do sótão, escondendo-se em uma vala. A avó, Emília, viu o bandido não muito distante e com uma vela na mão procurando-a para matá-la também. Florentino após a morte da mulher e filhos, procurou entre amigos no Paraná um marido para sua filha Emília, casando-a aos 16 anos com João Salustiano de Farias. Este deixou a fazenda, aos cuidados do jovem casal, dedicando-se inteiramente à procura do criminoso, com a intenção de fazer “justiça”.

Altamiro Munnhoz em entrevista nos conta: “Aqui o avô Faria, praticamente ficou cuidando da posse que era do sogro dele, o Florentino Bueno, que foi o posseiro

aqui dessa região de Campina dos Farias, o avô Farias, casou com a Emilia Bueno que depois ficou Farias que é a minha avó”.

A Sra. Maria Rosemar nos conta que a família não tem certeza do destino de seu bisavô, mas que depois que ele partiu em busca do assassino, sua avó e seu marido trabalharam para manter a fazenda. “[...] e a avó construiu a vida ali né, e ficou ali na casa deles mesmo né, e ali ela criou os filhos. O marido dela morreu novo, com 42 anos, e ela ficou com dez, onze filhos e ali ela batalhou, tinha gado né, bastante. [...] tinha tudo esses negócios, batata-doce, aipim, que eu sei que minha avó plantava, e daí a minha avó não tinha muito. [...] plantava milho, feijão”.

Segundo os relatos as primeiras atividades de subsistência foram a criação de gado, coleta de pinhão e frutas nativas e caça de animais silvestres, e cultivo de variedades vegetais consumidas. Conta-nos Sra. Maria Rosemar sobre a coleta:

[...] o pinhão era um, tinha e sobrava, o pinhão e daí outras frutas que a gente comia né, às vezes a gente passava o dia só comendo coisa do mato e não vinha pra casa às vezes, quando era criança né. [...] tem gavirova, jabuticaba, frutas silvestres né, o pinhão, tinha araquá, tinha... como é que era essas outras, tinha varias outras. [...] o ano todo, [...] o pinhão é no final de março que começava né, maio e junho.

Os entrevistados também contam lembranças sobre histórias de conflitos com os índios e caboclos. Segundo relatos, antes da chegada da família de Florentino, já habitavam a região indígenas, mas que estes já teriam tido contato com garimpeiros que procuraram a região atrás de ouro e que haviam ficado e se “misturando” com os nativos. Esses caboclos ou “índios”, assim chamados pelos entrevistados, entravam em conflito “por conta da coleta e caça”, e nas ocasiões em que o gado era levado para pastar nos campos. Nos conta o Sr. Leonel Farias “falavam muito dos índios, mas eu nunca acreditei, eu nunca vi nada por ai [...] os índios iam mais pra lá, era passador mesmo, passavam no caminho dos índios, pois eles falavam que tinha um caminho que eles passavam ai”. Segundo o Sr. Wilton Farias, seu pai contava, “[...] o falecido pai contava né, que quando eles vieram morar aqui sempre tinha, eles deixavam coisas assim pros índios nas árvores pra ficar de bem com os índios, deixavam assim banana, essas coisas assim, não muito precível né, e diz que levavam tudo”.

Sobre a prática da caça (Figura 03) nos conta o Sr. Altamiro:

Antigamente tinha caça, mas também tinha mais caçador, a caça era livre. Pois lá em cima caçavam quati, veado, perdiz, tatu. [...]o pessoal ia caçar anta pro outro lado do asfalto ali que tinha, meu pai era caçador e sempre de vez em quando ia caçar. [...] tem alguns caçador clandestino ai hoje, mas caça muito

pouquinho. [...] antigamente tinha bastante gente que caçava, alguns era pra alimentação outros era por vício né, a maioria, como meu pai sempre, ele gostava de caçar, mas não ia por caçar, eles gostava da corrida dos cachorros, ele não caçava passarinho, nem gostava que atirasse nos passarinhos, era só caçar veado ou anta, que o veado é um bicho que corre muito então os cachorros corriam, tinha que ter cachorro bom pra.. daí escutava a corrida, ele gostava mesmo era da corrida. [...] diziam que existia dois tipo de veado, o pardo que era o maior e o virá que é um veado mais pequeno, que é mais... assim como eu posso dizer, mais baio, de uma cor diferente.



Figura 3 – Depois da caçada
Fonte: Arquivo Municipal de Campo Alegre

Nesse período inicial, além da caça e da coleta, a pecuária consistiu uma atividade importante para os moradores da região da APA. O gado era levado para pastar na região de campos, território em que se constitui a APA, atividade que ainda permanece em menor escala. Os entrevistados nos falam sobre a prática de levar o gado para pastar na região de campos de altitude (Figura 04). Segundo o Sr. Wilton Farias: “A gente sempre leva no verão né, mês de outubro ai levava e retirava em fevereiro, no inverno pastavam aqui no mato, e ainda é assim hoje, só que eu não to levando mais, eu meio parei um pouco com o gado de corte né, to mais no gado de leite”. Conta-nos outro entrevistado: “[...] levava gado para o campo, levamos até hoje. [...] pois aqui praticamente quase todo mundo, quem tinha mais gado na época levava, daí nós levava junto, não na mesma propriedade, eles tinham as deles e nós tinha as nossas, hoje eles não levam mais”. Do gado era aproveitada a carne, o couro (para confecção de artefatos e roupas de cavalgada), e o leite, havia o comércio destes itens principalmente na região de Campo Alegre, São Bento do Sul e Joinville.



Figura 4 – Pastejo de gado nos Campos do Quiriri
Fonte: GPHAVI (cedida por entrevistado)

Nessas ocasiões em que se levava o gado para pastar nos campos, foi relatado pelos entrevistados o conflito com onças pardas e pintadas (Figura 05), freqüentemente atacavam jovens novilhos e por este motivo eram caçadas pelos criadores.



Figura 5 – Onça caçada
Fonte: Arquivo Municipal de Campo Alegre

A exploração da erva mate também foi uma atividade econômica importante para a região (Figura 06), segundo o Sr. Wilton Farias:

Fazia o processamento, até a moagem né, menos o empacotamento, daí a moagem depois de moída era vendida em saco, saco de 50, 60 kg, daí de lá que ia pro empacotamento né, no tempo do meu pai, nós hoje só fazemos o processo de colheita né, já vai a erva crua pra cooperativa né, e lá eles fazem todo o processamento até o empacotamento, mas na época do meu pai, eles faziam a colheita, a secagem, a moagem e ensacamento de saco de 60 kg por aí, que iria pro comércio. A erva-mate ainda hoje existe né, em pequena escala, mas ainda existe, só que é explorada até hoje, em menos escala né mas é explorada até hoje ainda.

Segundo Herbst (1994) “a erva-mate era a principal fonte de economia da região. Em 1883 formou-se em Campo Alegre o primeiro engenho de erva mate” (p. 20). Entre os anos de 1900 a 1929, por quase 30 anos, Campo Alegre continuou seu progresso. Houve época em que possuía cinco engenhos de erva-mate, muitas casas de comércio e a fixação de imigrantes europeus na região de Bateias de Baixo, na sua maioria de origem polonesa. Devido ao grande valor econômico da erva-mate, outros locais também se desenvolveram, como Fragosos, Avenquinha, Ribeirão do Meio e outras. Com a queda da exportação de mate, considerada pelo autor, devido a crise financeira de 1930, a região passou a ter dificuldades financeiras, sobretudo porque incidiram as exportações de erva-mate.



Figura 6 – Moedor de erva-mate
Fonte: Arquivo Municipal de Campo Alegre

Outra atividade de destaque para Campo Alegre e que também foi praticada na região da APA foi a exploração madeireira que iniciou-se com a exploração da araucária provavelmente a partir dos anos 30. Seguiu-se a exploração de outras espécies nativas e a partir dos anos 70 foi sendo substituída pelo cultivo de espécies exóticas como o pinus e o eucalipto. O Sr. Wilton Farias nos relata que “nos anos 40 até 70 por ai, tem serraria dessas ainda que tem hoje, só que hoje não serram mais araucária né, tão serrando pinos, mas ainda existe serraria daquela época que estão trabalhando hoje ainda, cortando pinus né”. Sr. Wilton nos fala sobre os pinheiros nativos (Figura 07) na época de seu pai:

Ai tinha bastante pinheiro de oitenta, um metro, um metro e pouco, tinha um pinheiro ali na propriedade que hoje é do meu irmão que chegava dá quase uns dois metros de diâmetro no pé, só que isso não existe mais né, tem um ainda ali na entrada dele que deve dá perto de uns noventa centímetros no pé, tem ali na entrada da casa dele, e eu tenho um ali no pasto também que deve dar uns setenta no pé, mas são os únicos que tão sobrando ai, mais é tudo pinheiro fino.



Figura 7 – Carretão usado no transporte das araucárias
Fonte: Arquivo Municipal de Campo Alegre

O Sr. Leonel Farias fala sobre uma prática comum em relação ao comércio das araucárias, em que vinham os compradores nas propriedades e convenciam os moradores a vender:

Oh, o dia que você precisava de dinheiro, se você quiser vender a araucária, vende pra mim, o dia que você precisar de um dinheiro fale comigo que eu arrumo -, então eles arrumavam dinheiro assim e vamos dizer, por exemplo, hoje você precisa de cinquenta ou cem mil, os cara chegavam, - olha, ta aqui o dinheiro, me venda 100 cúbicos de araucária- vendia 100 cúbicos e ia lá e contava os pinheiro, calculava os pinheiro e contava e marcava, tem dois anos pra tirar, quando eles vinham tirar durante aqueles dois anos os cem cúbicos tava em duzentos cúbicos, além do preço que tinha inflacionado já, então dava muito dinheiro.

Outra atividade que ganhou força com a queda da erva mate foi o cultivo do fumo. Segundo Sr. Wilton Farias “[...]eles tinham bom de papo né, falavam no lucro. Eles forneciam né, a semente, e daí tinha o instrutor, [...] forneciam os adubos, forneciam tudo, daí quando o cara colhia pagavam a conta pra eles e o que sobrava era deles. [...] tinha; bastante estufa, agora até tem menos do que antes. [...] secavam o fumo com lenha nativa assim, araucária não”.

Hoje ainda existe o cultivo do fumo, são mantidos alguns cultivos de subsistência, e ainda ocorre a criação de gado com o pastejo anual no Campos do Quiriri. Todas estas atividades em menor escala. Atualmente o turismo rural e ecológico desponta como uma atividade importante para a região, principalmente para os descendentes dos antigos colonizadores. Na região existem pousadas (Figura 08), e os moradores recebem também visitantes em suas residências. São oferecidas atividades ao ar livre como cavalgadas, e refeições orgânicas. Existe a criação de ovelhas,

principalmente para consumo dos produtos localmente. As ovelhas são um recurso importante para os moradores, estes receberam treinamento da EPAGRI e hoje produzem artigos a base de lã, como cobertores, acolchoados, novelos de lã tingida naturalmente, peças como cachecóis, tapetes, xales, entre outras.



Figura 8 – Pousada Casa Antiga
Fonte: <http://www.casantiga.com.br/>

No entanto a atividade que mais cresce na região é o cultivo do pinus, existem quilômetros cultivados em volta da região da APA (Figura 09), que segundo os entrevistados iniciou a aproximadamente 40 anos atrás. Conta-nos um entrevistado:

O pinus, quando entrou as primeiras fazendas aqui era a [...] que eu me lembre acho que uns quarenta anos, depois entrou [...] e agora outras firmas, todo mundo hoje que a gente conversa que tem um terreninho desocupado, um dinheirinho, diz ah, vou plantar pinos, fazer uma poupança, pra mais tarde [...]. Começaram, pegaram uma época duma crise da agricultura ai, uns quarenta anos atrás e onde muita gente se deu bem, hoje ainda converso com algum, mas n'os não chegamos a vender, pra não dizer que não vendemos nada, meu pai vendeu um terreno isolado para [...].



Figura 9 – Monocultura de pinus ao lado da APA
Fonte: Acervo do GPHAVI

Foi relatada também a ocupação de áreas nativas por reflorestamento de pinus:

Erva mate tinha bastante, tinha aqui pra gente, conheço um lugar que era uma erva nativa, e tinha um pesinho atrás do outro assim, coisa mais linda era as ervas, tava no limpo assim, ai ele vendeu o terreno e a [...] tirou tudo e plantou pinos. Daí que acho que um prefeito teve ai de por uma lei que não podia vender mais terreno pra reflorestar, mas eu acho que essa lei não funcionou direito, uns faziam outros não. [...] acho que proibiram de plantar em cima da serra né, é plantado ali em baixo na serra, a [...] tem alguma coisa plantada lá em cima na serra, que ela plantou antes dessa lei ai né [...].

O *Pinus sp.* é uma espécie extremamente invasora e os cultivos no entorno da APA dispersam sementes que invadem os campos de altitude, como nos foi relatado. Moradores que ainda levam o gado para pastar nos campos nos informaram que cada vez mais é possível observar exemplares de pinus nascendo espontaneamente nos campos. Como foi registrado pelo Instituto Rã-Bugiu (Figuras 10 e 11).



Figura 10 – Paisagem natural de campos de altitude
– Alto Quiriri – Garuva
Fonte: Instituto Rã-Bugiu



Figura 11 – Invasão de pinus nos campos de altitude
– Alto Quiriri – Garuva
Fonte: Instituto Rã-Bugiu

De acordo com os levantamentos a primeira alteração do ambiente foi o desflorestamento para a ocupação, construção das casas e benfeitorias, construídas com árvores nativas. Juntamente com a chegada dos primeiros habitantes, chegaram também

os animais de criação, principalmente o gado. Para a subsistência das famílias e seus animais iniciou-se o cultivo de espécies principalmente exóticas ampliando as áreas desflorestadas e alteradas. Nos campos de altitude foram introduzidas espécies exóticas de capim para o pastejo do gado, espécies que se proliferaram com as queimadas. O desflorestamento aumentou com a exploração de madeiras nativas, principalmente a araucária.

A superexploração de espécies através da caça era um hábito comum conforme os entrevistados, e ainda hoje permanece em algumas famílias, o que causou e causa pressão sob a fauna local. Espécies de maior porte hoje não pouco avistadas na região, conforme observado por moradores, relatam que provavelmente estão em números reduzidos.

Em áreas com cultivos de pinus, ocorre a substituição da vegetação nativa, seja Floresta Ombrófila Mista ou Campos Naturais, por monocultura de pinus, que além do empobrecimento da fauna e flora leva a uma dinâmica diferenciada de uma floresta nativa. Conforme cita Aumond *et al* (2009), as florestas plantadas não apresentam sub-bosque e o processo erosivo, de compactação ocorre no interior dos cultivos. A exploração da floresta altera além da dinâmica ecológica os fatores abióticos, como a estrutura do solo e dinâmica dos ciclos e dos cursos d'água.

Sempre esteve presente na história, ocupação e desenvolvimento da região uma estreita relação entre atividades econômicas e recursos extraídos da natureza. A região foi sendo ocupada e explorada em sincronia com os ciclos econômicos regionais como o da erva-mate e da araucária. A exploração dos recursos ocorreu de forma desordenada provocando a escassez dos recursos às comunidades e provocando desequilíbrio no ambiente natural. O que se agrava mais recentemente com a introdução do pinus e dispersão nos campos de altitude.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Associação de Preservação do Meio Ambiente e da Vida. Disponível em <<http://www.apremavi.org.br/>>. Acesso em: 06 de março de 2010.

AUGUSTIN, Márcio. Campo Alegre: Nas revoluções que a História fala. Campo Alegre: Edição do próprio autor. 2007.

AUMOND, Juarês José; SEVEGNANI, Lúcia; TACHINI, Mario; BACCA, Lauro Eduardo. Condições naturais que tornam o vale do Itajaí sujeito aos desastres. *In*:

FRANK, Beate; SEVEGNANI, Lúcia (org). Desastre de 2008 no Vale do Itajaí. Água, gente e política. Blumenau: Agencia de Água do Vale do Itajaí, 2009.

BRANDT, Marlon. Uso comum da terra e práticas associativistas da população cabocla do planalto catarinense. Florianópolis, **Revista Geosul**, v.23, nº45, jan./jun. 2008.

DRUMMOND, J. A. História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, p. 177-197, 1991.

HERBST, Eugênio J. Subsídios para a história de Campo Alegre. Joinville: Imprensa Ipiranga S/A. 1994. 193p.

Lei nº 11.428, de 22 de dezembro de 2006. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11428.htm> Acesso em: 06 de março de 2010.

WORSTER, D. Para fazer História Ambiental. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 4, n. 8, p. 198-215, 1991.

DRUMMOND, J. A. A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.4, n.8,1991, p.177-197.

LEFF, E. Construindo a História Ambiental da América Latina. **Revista Esboços**, n.13, 2005. p.11-30.

MARTINS, M. L. História e Meio Ambiente. São Paulo: Annablume; Faculdades Pedro Leopoldo, 2007.

WOSTER, D. Para fazer história ambiental. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol.4, nº8, 1991. p.98-215.

ENTREVISTADOS

Altamiro Munhoz. Entrevista cedida ao GPHAVI, projeto: “História Ambiental da Área de Proteção Ambiental Campos do Quiriri em Campo Alegre – SC”. Campo Alegre, 2010.

Leonel Farias. Entrevista cedida ao GPHAVI, projeto: “História Ambiental da Área de Proteção Ambiental Campos do Quiriri em Campo Alegre – SC”. Campo Alegre, 2010.

Maria Rosemar Munhoz de Paula. Entrevista cedida ao GPHAVI, projeto: “História Ambiental da Área de Proteção Ambiental Campos do Quiriri em Campo Alegre – SC”. Campo Alegre, 2010.

Wilton Farias. Entrevista cedida ao GPHAVI, projeto: “História Ambiental da Área de Proteção Ambiental Campos do Quiriri em Campo Alegre – SC”. Campo Alegre, 2010.